

the dream  
syndicate  
**GHOST  
STORIES**

recontado por  
**FLÁVIO LOZZI**



**MOJO**  
BOOKS

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

**Danilo Corci**  
organizador

The Dream Syndicate  
**GHOST STORIES**

recontado por

**FLÁVIO LOZZI**

---

ABRIL DE 2008  
VOLUME 59

**MOJO**  
BOOKS

---

the dream syndicate  
**GHOST STORIES**

recontado por

**FLÁVIO LOZZI**

---

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**  
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**  
REVISÃO: **DANILO CORCI**  
CAPA DESTA EDIÇÃO: **COBIACO**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



## PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. The Side'll Never Show
2. My Old Haunts
3. Loving The Sinner;  
Hating The Sin
4. Whatever You Please
5. Weathered And Torn
6. See That My Grave  
Is Kept Clean
7. I Have Faith
8. Someplace Better  
Then This
9. Black
10. When The Curtain Falls
11. Now I Ride Alone
12. I Ain't Living Long Like This

---

## GHOST STORIES THE DREAM SYNDICATE

LANÇAMENTO: **1988**  
SELO: **RESTLESS RECORDS**

---



## **GHOST STORIES**

A Penélope  
*In Memoriam*

*No ghost was every seen by two pair of eyes*

**Thomas Carlyle**



# 01. THE SIDE I'LL NEVER SHOW

Um ano e 153 dias atrás. 21h26.

As lâmpadas que deveriam iluminar a rua estão quebradas. Tudo está escuro. Na minha lembrança sempre esteve escuro. O clima está quente. Pequenas gotas de suor escorrem por minha testa. Toco a campainha da casa. Ele mora sozinho. Ele abre a porta, vestido com uma camisa ridícula cor de goiaba e sorri. O falso, o puto, o safado.

Durante toda minha internação, reforcei-me em pensar como seria agradável quebrar todos os dentes da boca dele, mas aí a razão imperava: não seria definitivo, afinal as próteses odontológicas estão cada vez mais aprimoradas. Matá-lo, sim, isto seria definitivo. Quem sabe quebrar todos os dentes da boca dele e depois matá-lo?

Sempre foi minha virtude ser um poço sem fundo de ressentimentos. Bateu, levou: este é o evangelho do meu credo. Por horas a fio, durante muito tempo, minha única diversão foi imaginar o método de extermínio a ser utilizado: pauladas na cabeça, golpes de faca, tiro, garrote vil, apedrejamento... guilhotina? Opções, opções...

— Oi, J — digo, olhando dentro do líquido viscoso que circula dentro dos globos oculares dele.

Optei pelo padrão: arma de fogo. Embora não dê a resposta emocional da boa e velha violência corpo-a-corpo, é uma forma de matar mais limpa e por que não dizer, elegante. Empalar alguém com um sabre está fora de moda. Além de tudo, dispunha do revólver herdado de meu bom e querido pai, um velho três oitão em bom estado, sem registro, comprado de um delegado de polícia. A arma ainda estava em condições de estourar alguns miolos.

Liguei para J de um telefone público e marquei de nos encontramos, pois o fiz entender que eu continuava suicidamente melancólico e queria abrir meu coração pra falar de toda desgraça que tem acontecido na minha vida e ele como “amigo”, mesmo constrangido, se dispôs a me receber em casa.

Fui de ônibus, não dava pra ir de carro e estacionar na porta do cara. Alguém poderia ver. Já tenho o álibi. Não que a polícia vá se dar ao trabalho de investigar, mas eu vejo os filmes na TV e nunca se sabe. Melhor garantir. Para todos os efeitos estou agora num show de *rock*. Estou com o ingresso em mãos: Goiânia Noise Festival.

— E aí, como vai? — ele diz me abraçando.

Só por isso, estou pensando seriamente em atirar primeiro nos intestinos para estourar toda merda dentro desse Judas.

Ao entrar na sala de estar, vejo as paredes decoradas com quadros pavorosos reproduzindo aquilo que, acredito, deveriam ser flores amarelas

num jardim pintados pela mãe parálitica do J. Quem a velha pensa que é? Van Gogh? Sobre uma mesa, fotos da nossa “artista” sentada na cadeira de rodas com sorriso falso de que “viver vale pena, apesar das dificuldades” e do irmão que está em coma irreversível depois de um choque anafilático ocorrido numa cirurgia de fissura anal. É, tenho que reconhecer, o canalha teve sua dose de infortúnios: divórcio traumático, responsável pelo acidente de carro que paralisou a própria mãe ao dirigir bêbado, irmão vegetando. Pobre coitado, estou até reconsiderando a idéia de atirar nos intestinos, talvez nos joelhos primeiro.

— Por quê? — indago, raivosamente.

Ele parece surpreso com o tom das minhas palavras.

— Será que não passou pela sua cabeça que eu ia ficar magoado? Mais uma coisa, o que você achou do rabo dela? — pergunto, sarcástico.

— O quê? Ei! O que é isso na sua mão? Uma arma? Por que você tá usando luvas?

— Cala a boca e não grita! Senão vira presunto! — sempre quis dizer essa parte do presunto.

— Calma, calma.

— Calma, o caralho! Deita no chão.

O pilantra obedece e sob minha mira, deita de bruços mijando nas calças.

Eu tinha total convicção de que ele não iria reagir; não morreria em pé

como um homem. No fundo de sua consciência culpada, acho que ele também sabia que merecia o castigo e tudo o que a covardia lhe permitiria seria implorar e chorar, invocando a clemência de uma divindade misericordiosa que não existe ou que se existe, já esqueceu de nós.

— Por quê? — falo novamente, vigiando pra que ele permaneça quieto enquanto eu ligo o som ali ao lado. O CD que estava no aparelho era uma coletânea de *rock* nacional dos anos 80, daquelas que anunciam na televisão como “clássicos”. A primeira, digamos assim, música, que toca na seleção aleatória é “Ursinho Blau Blau” do Absynto, acho. Esse era o gosto musical do J. O cara realmente merecia morrer.

— Pelamordedeus, eu, eu...

Não resisto em esperar para ouvir as mentiras, aumento o volume (“Ai, Blau, Blau...”), coloco uma almofada da decoração em cima de cabeça dele pra abafar o barulho e atiro. A gosma escorre pelo chão. Urina, sangue e minúsculos pedaços de massa encefálica logo se misturariam sobre o assoalho. No calor da hora decido que não seria mal dar-lhe uns bons chutes nos rins enquanto ele ainda sofre espasmos.

Só paro de bater no desgraçado quando percebo a cara da bruxa velha emoldurada no retrato me observando e penso como se respondendo ao olhar áspero e acusatório: “Aleijada de uma figa, tá olhando o quê? A culpa é sua. Se tivesse ensinado o cretino do seu filho a respeitar mais os outros...”.

Então afasto-me do corpo, tomando cuidado pra não pisar naquela meleca

toda, evitando deixar as marcas de meus pés pelo tapete. Meu psiquiatra ia ficar bem decepcionado comigo se me visse agora.

Encontro o jornal do dia e, com uma caneta marca-texto que havia levado, circulo os anúncios de acompanhantes masculinos e travestis, dando preferência àqueles que faziam alusão ao tamanho do cacete e deixo a página aberta, bem à vista, sobre o sofá da sala.

Apanho o celular dele, que tem como irritante *ringtone* a musiquinha do Sítio do Picapau Amarelo e disco os números dos prostitutas que marcara nos classificados. Espero que alguém confira as ligações.

Posteriormente baixo as calças do falecido J, que só então terminara de estrebuchar caído no chão, até o limite do meio das canelas e roubo-lhe os cartões de crédito e o dinheiro da carteira (notas de dez, vinte e só uma de cinqüenta, que pobreza, velho!), com a intenção de fazer parecer que o motivo do crime se originara de uma desavença entre ele e um garoto de programa, que veio por terminar em um roubo seguido de morte.

Além de morrer de forma violenta, quero que o canalha morra com fama de viado. Não basta destruir o cara, tenho que acabar com a moral dele até quando ele já estiver sob a terra. Este é o tamanho do meu ódio: maior do que a morte.

Depois saio apressadamente. Quer dizer, apressadamente em termos, antes tive de dar uma cagadinha. Seria de um humor negro escatológico defecar no prato que ele usara na última refeição, mas acabei fazendo no

banheiro mesmo. Não tive como segurar. Certas emoções afrouxam o caminho da bosta rumo ao mundo exterior. Depois de limpar a bunda e sair pela porta pela qual entrei, caminho pela rua calmamente, respirando o monóxido de carbono do ar seco do Planalto Central, que naquele momento me parece o mais puro oxigênio das montanhas.

Devo admitir que cheguei a chorar — lágrimas de alegria, é claro. Nada de culpa. Sinto-me justificado. Sinto-me redimido. Uma pena que estou com uma vontade louca de vomitar. Tenho o estômago fraco. Ponho para fora o jantar pela boca e pelas narinas ao lado de um poste. Será que poderão me identificar pelo DNA do meu vômito? Deixa disso! Acho que assisti a muito CSI. E a polícia é brasileira.

Matar alguém é como perder a virgindade: você antecipa o momento, fica excitado, pratica o ato, sente-se satisfeito por alguns instantes, vê que não era nada demais e no final só resta sujeira.

Ao passar por um dos córregos que corta a cidade, atiro o revólver lá dentro e glup! — lá se vai a arma do crime pro fundo do esgoto.

Agora é correr para pegar o resto do *show*.

## 02. MY OLD HAUNTS

Hoje. Agora.

Termino a tradicional balança e fecho o zíper em seguida.

Aprendi com o tempo que fantasmas não são fenômenos paranormais, monstros ou criaturas parecidas com lençóis que flutuam arrastando correntes. São apenas pessoas que sempre viverão em nossas lembranças pra nos assombrar e esfregar na nossa cara tudo aquilo que poderia ter sido e não foi, e que nos fazem querer retornar ao passado pra buscar todas as alternativas pra uma felicidade imaginária que, na verdade, acabou em desgraça e sofrimento.

Uma data de aniversário, um quarto vazio, um perfume, uma música que toca no rádio, uma cor, um gosto na boca; estas são as minhas verdadeiras assombrações e por mais que eu as destrua, elas sempre encontram um jeito de ressuscitar.

### 03. LOVING THE SINNER, HATING THE SIN

Um ano e 311 dias atrás. 16h52

*“Por duas vezes quase gozei, mas propositalmente vc diminuiu o ritmo para prolongar a deliciosa sensação de iminência do gozo. Na terceira vez deixei o orgasmo vir, bem devagar, sem pressa, para que a sensação viesse forte. Não consegui mais segurar, meus batimentos cardíacos aumentaram, senti meu rosto esquentar — quando eu gozo fico com o rosto ruborizado, minha respiração estava ofegante. Quando vc viu que eu estava quase lá, chegou no meu ouvido e disse que estava louco para ouvir meus gemidos. Foi nesse momento que eu gozei, meu corpo inteiro ficou sensível, e permaneci deitada por alguns minutos extasiada.”*

Estou frente à tela de cristal líquido do meu ultramoderno computador que será completamente obsoleto em seis meses. Meu masoquismo me obriga a continuar lendo todas as palavras e por mais que eu tente, não consigo desgrudar a vista do monitor. Minha tarde está ficando cada vez pior.

Não sinto muito prazer em viver depois que ela morreu. Estou bebendo como uma esponja, me entupindo de drogas recreativas e gastando uma nota com vagabundas. Essas coisas costumavam levantar o meu astral, mas já faz 54 dias e não me sinto nada melhor. Meu emprego está por um



fiu. Se não fosse pela intervenção do J perante a chefia, já teria ganhado o glorioso pé na bunda com todas as honras de praxe. Quando vou lá não consigo trabalhar. Pareço um zumbi amassando meu traseiro numa cadeira, cultivando hemorróidas do tamanho do Amazonas, esperando o relógio chegar ao horário do fim do expediente. Emagreci uns cinco quilos. Acho que estou deprimido, quase a ponto de pagar uma consulta pra ouvir algum babaca freudiano me dizer que a culpa disso tudo está na minha infância e na minha relação com minha mãe.

Será que há alguma positiva pra se tirar dessa tragédia? Alguma lição? Morrer num acidente de carro antes dos trinta anos, me parece uma tremenda injustiça. Minha mulher acabara de comprar aquele carro. Ela o adorava. Acabara de trocar o velho Gol por esse Honda Civic zero, prateado, mal sabendo que acabaria debaixo de um caminhão de dez toneladas, na saída da cidade.

A identificação positiva do cadáver só foi possível pelos dentes. Depois disserram que ela estava grávida. Eu estava errado, aquela barriguinha não era só excesso de pizza e Big Mac. Ela não havia me contado, na certa era pra ser surpresa. Porra, como puderam me revelar uma merda dessas? Seria muito melhor não saber. Certas verdades são piores do que veneno de rato goela abaixo.

No *freezer* ainda há metade de um Häagen Dazs. Era nossa sobremesa favorita. Uma vez quando éramos namorados, estávamos juntos no super-

mercado fazendo compras e eu disse, em tom de brincadeira, que só amaria de verdade alguém que gostasse do mesmo sabor de sorvete que eu. Ela riu e disse que o favorito dela era *cheesecake* com morango. Ela poderia ter dito mil outros sabores, mas escolheu justamente o meu predileto. Aquilo derreteu meu coração na hora. Se não fosse amor, o que seria?

Abri os armários e toquei as roupas dela, a blusa laranja, as calcinhas pretas e as com estampas, o prendedor de cabelos, o par de tênis Asics branco e azul que ela usava quando a gente ia caminhar juntos. Lembrei-me de uma vez que ela torceu o tornozelo e que ao descalçá-la, pra olhar o ferimento, a simples visão daquele pequeno pé ao alcance de minhas mãos me pareceu a coisa mais eterna e bela do mundo. Algo muito mais sagrado que a religião, algo maior que Deus, o poder e a glória. Bati muita punheta nesses últimos dias pensando naquele pezinho.

Numa das gavetas encontrei um caderno preto de anotações que continha as senhas do banco, do provedor da Internet e do *e-mail* dela. Senti uma saudade louca de reler os textos que ela me enviara pelo correio eletrônico e que eu apagara sem remorso. Não resisti. O Gmail é uma beleza, tem dois giga de espaço pra guardar as correspondências, inclusive as remetidas. De posse das palavras mágicas, digitei o *login*, a *password* e abri a pasta de itens enviados.

*“Estava muito, mas muito excitada. Meus seios estavam arrepiados. Imaginei que vc estava ali, do meu lado, assistindo tudo, falando-me do quanto*

*estava gostando de me ver masturbando para vc, do quanto tb estava excitado, falando “bobagens” no meu ouvido. Enquanto eu me masturbava vc estava passando as mãos no meu cabelo, nas minhas costas, na minha bunda, na parte interna das coxas. Vc então pediu que eu me penetrasse com os dedos, foi o que fiz. Senti minha buceta extremamente úmida, quente, latejando... Quando retirei o dedo lá de dentro, vc simplesmente pegou a minha mão e lambeu-a todinha.”*

Hum, só tem um probleminha: ela não escreveu isso pra mim. Tava lá toda a correspondência entre ela e o J. Esse foi só o começo de muitas outras.

No dia da morte, eles se encontraram. Estava lá escrito o arranjo do *rendez-vous*. E ela morreu voltando do motel depois da foda semanal. Morreu verdadeiramente fodida. Qualquer cara que acha que sabe o se passa no coração de uma mulher é um sujeito que não sabe nada da vida, acabei de ter a prova real escrita bem no ciberespaço.

Devo dizer que, até então, nunca tinha sentido ódio, mas na hora percebi que é uma emoção intensa que faz com que a gente deseje muito a morte de alguém. Mas como fazer quando um desses alguéms já morreu?

## 04. WHATEVER YOU PLEASE

Um ano e 308 dias atrás. 02h14

Sinto o aroma de pessegueiros em flor espalhando-se pelo ar com a velocidade de pequenas aranhas correndo pelas paredes. Era o cheiro do xampu que ela usava. Estranhamente me sinto bem.

Abro o box do banheiro e o vapor se dissipa. O chuveiro está ligado. As cores estão borradas. Tem alguém ali. Não sei se um fantasma, uma pessoa, uma alucinação ou um demônio de belas formas, mas definitivamente está ali.

— Olá , — ela diz.

Como ela continua lá, nua e imóvel, não vejo nada demais em uma conversinha amigável.

— Por quê? — eu digo.

— Não sei.

— Por quê? — repito

— Foi algo além do meu controle.

— Algo além do seu controle o caralho!. Por que você voltou?

— Você me perdoa? Estou aqui pra satisfazer os seus desejos.

— Meu banho é revigorante. Venha se molhar. — ela convida.

Ajoelhei-me e abraçando-lhe as pernas, beijei-lhe a bunda com a paixão de um adolescente.

— Vá pra cama e fica de quatro. — suplico.

Depois desse diálogo saído de um roteiro ruim escrito por um George Lucas do pornô, acordei. Ao abrir os olhos, continuei pensando nela; uma ereção gigantesca comprovava isso. Sentir tesão por um piranha morta é mais que deprimente, é quase necrofilia. Contudo devo admitir que mesmo no sonho ela continuava com um belo rabo. Será que o J a comeu pelo cu? Comigo a desgraçada sempre regulou. Permitia na melhor das hipóteses que eu lhe enfiasse os dedos. Dizia-se tímida e inexperiente, a desgraçada. Grande mentirosa.

Meu sono já era. Será que ainda tem bolo de chocolate? Ou pelo menos uma garrafa de vinho chileno barato?

Graças aos céus ainda existe um manancial inesgotável de sacanagem na Internet para entreter pessoas insones.

## 05. WEATHERED AND TORN

Um ano e 296 dias atrás. 3h14

Acabei de chegar de uma longa caminhada pela chuva no meio da noite. Minhas roupas estão encharcadas. Fiz uma poça no elevador. Devo ter urinado nas calças, pois senti um líquido quente escorrendo pelas pernas, enquanto tremia de frio e febre. Percorri vários quilômetros pela escuridão antes voltar ao meu quarto e me jogar sobre a cama, sem nem me dar ao trabalho de retirar os sapatos enlameados. Por incrível que pareça, ainda não estou cansado o bastante para conseguir dormir.

Minha auto-estima já era. O filho que ela esperava não era meu. Meu esperma não é forte o suficiente pra manter a minha linhagem, uma vez que sou o mais ridículo dos seres vivos, a escória da humanidade, um reles saco de vermes e mereço morrer afogado em meus próprios excrementos, sozinho, amargo e sem descendentes, pro bem geral do universo.

Tento desviar a imaginação e pensar em alguém que admiro e que teve um fim abominável. Penso em Steve McQueen. O grande anti-herói dos filmes de ação. Ele foi abandonado pelo pai quando criança. O padrasto lhe enchia de porrada. Já adulto foi devorado pelo câncer e morreu de ataque cardíaco depois de uma operação para remover a metástase que

se alastrava por seu fígado.

Não adiantou. Não me senti nada melhor.

Nunca fui inseguro com as mulheres. Com minha esposa viva, eu botava fé no meu taco de macho latino e acreditava cegamente que era o único homem na vida dela, mas a dor do ciúme que sinto agora me dá a impressão de que fui surrado em praça pública por mil cingapurenses, tendo, lentamente, o coração extirpado e depois jogado num moedor de carne gigante igual àquele do filme *The Wall* dirigido pelo Alan Parker. Já não consigo nem pregar os olhos de tanto imaginar as milhões (bilhões?) de maneiras que os pombinhos apaixonados faziam sexo. Esgotei em pensamento todos os métodos do Kama Sutra, embora os *e-mails* que releio incessantemente todos os dias de maneira doentia não tenham deixado muito espaço para minha criatividade.

Será que o pinto dele era maior do que o meu? Será?

## 06. SEE THAT MY GRAVE IS KEPT CLEAN

Hoje. Um minuto atrás.

Estou de volta ao cemitério. Sempre que venho aqui penso em como será quando for minha vez. É um local de reflexão. Quem virá? Vai chover ou fazer sol? Já imaginei diversos cenários alternativos, mas uma coisa é definitiva: eu já escolhi a música pra tocar no meu enterro. Não conheço ninguém que tenha escolhido uma música melhor. É um motivo de orgulho pessoal. “See that my grave is kept clean” é a canção. Não vai ser a versão cantada com a voz esganiçada do Bob “Pato Donald” Dylan, deixo essa pros *hippies* velhos e nostálgicos. Também não vai ser o *blues* original. Nada contra, mas prefiro a versão *rock underground* com testosterona do Dream Syndicate no álbum *Ghost Stories*. Quando morbidamente fantasio que estou dentro de um caixão de madeira barato indo para o fundo de uma vala na terra, pensar nessa música faz minha adrenalina correr. É, sou um cara estranho. Sempre me dizem isso. Considerem isso meu charme.

É curioso notar que o autor do meu hino à cova, o negão texano Blind Lemon Jefferson, tenha sido enterrado numa cova sem identificação. Não se sabe a causa da morte, não se sabe o dia da morte e somente muitos anos depois identificaram a sepultura e escreveram em tom de homenagem



“Lord, it’s one kind favor I’ll ask of you. See that my grave is kept clean”, citando a letra de sua famosa música. É claro que deram mancada e escreveram a data de nascimento errada. Provavelmente agora tudo se encontra coberto por sujeira e ervas daninhas. Resumindo: as pessoas nunca nos tratam com o respeito que merecemos.

Retornei pra rever o túmulo da minha mulher. A data de hoje me deixa emotivo. Hoje é o aniversário da morte dela. Abro a braguilha, ponho o pau pra fora e dou uma bela mijada sobre a lápide.

“Parabéns, querida.”

## 07. SOME PLACE BETTER THAN THIS

Um ano e 267 dias atrás. 12h00.

Estou saindo hoje, praticamente recuperado e com pelo menos uma boa razão pra viver. Minha mãe veio me buscar. Ao me ver, ela me dá um abraço forte e chora copiosamente. Ah, o amor materno. Devo estar com o aspecto de um cadáver. Parece que tive um colapso e nervoso ou algo assim.

Lembro-me de que estava no meu apartamento sozinho ouvindo *rock* madrugada adentro e resolvi apostar comigo mesmo quantos comprimidos seria capaz de engolir com uma garrafa de uísque. Não foi uma coisa lá muito sensata. O uísque nem ao menos era doze anos. Na hora só pensava que podia existir algum lugar melhor do que esta merda em que estou atolado. Não estava no meu juízo perfeito. Não foi um de meus melhores momentos. Lembro de ter acordado com uma luz na cara. Não era o Paraíso ou o Inferno, era apenas a luz da emergência de um hospital público caindo aos pedaços, ou seja, era quase o Inferno.

Parece que a música tava meio alta e o meu CD *player* tava no *repeat*; aí os vizinhos rabugentos vieram reclamar e como a porta estava aberta (ato falho? Eu desejava ser salvo?), me encontraram apagado e chamaram a ambulância. O disco que tocava era *Ghost Stories*. *Yeah*, literalmente *my*

*life was saved by rock'n 'roll.*

Depois da lavagem estomacal, resolvi que devia ficar uns tempos numa clínica de repouso. Não, não levei eletrochoque nos miolos, não usei camisa-de-força, nem tomei pancada de enfermeiros sádicos. Todos foram muito gentis comigo. Minha estada consistiu em tomar uma quantidade absurda de cloridrato de sertralina, bem como outras drogas de nomes complicados e bater longos papos com um psiquiatra balofo, até convencê-lo que eu já não era mais um perigo pra mim mesmo e pros outros. Enganei o panaca direitinho.

Se eu aprendi alguma coisa entre os mentalmente insanos e emocionalmente fragilizados é que o ódio pode ser um grande motivador.

## 08. I HAVE FAITH

Um ano e 308 dias atrás. 4h37.

Minha única esperança agora é que as coisas vão melhorar um dia. Provavelmente no dia em que o Sol explodir numa supernova e toda vida na Terra for destruída. Rezo para que isso aconteça AGORA. Até lá, contento-me com pequenas alegrias como jogar no lixo todos os pertences que encontro da minha falecida esposa depois de destruí-los metodicamente com uma serra elétrica Black & Decker e mandar descarga abaixo todos os peixinhos dourados do aquário que ela tanto amava (“Nemo, você é o próximo”).

Desenvolvi um método de auto-ajuda pra me agüentar, baseado nos meus conhecimentos cinematográficos. Sempre me comparo favoravelmente com as estrelas de Hollywood. Sim, aquelas pessoas maravilhosas, bonitas e podres de ricas foram bem mais infelizes do que eu. Pode acreditar. Olha só:

Marlon Brando. Talvez o maior ator de cinema de todos os tempos. Mãe e irmãs alcoólatras. Odiava o próprio pai. Todos os seus casamentos fracassaram. O filho matou o namorado da própria irmã (ciúme incestuoso?) e foi pra cadeia. A filha de Brando não segurou a onda e cometeu suicídio. Morreu obeso e misantropo, pesando uns duzentos quilos.

Montgomery Clift. Ícone do Actor's Studio, a famosa escola de interpretação. Extraordinário ator minimalista. Alcoólatra e viciado em drogas. Depois de encher a cara de birita, destruiu o rosto num acidente de automóvel que o fez engolir os próprios dentes. Deprimido e cada vez mais viciado, envolvia-se com rapazolas que só faziam extorquir-lhe o dinheiro. Morreu aos quarenta e cinco anos de complicações causadas pelo abuso de álcool e drogas.

Marilyn Monroe: "A" deusa do cinema. O maior *sex symbol* da história. Ex-garota de programa, fracassou em todos os relacionamentos amorosos. Deu para os irmãos Kennedy, que depois de saciarem a libido, deram-lhe o bilhete azul. *Overdose*, possível suicídio.

Jayne Mansfield. Deliciosa rival de Marilyn. Nunca escapou do rótulo de loira burra. O filho quase foi comido vivo ao ser atacado por um leão no zoológico. Juntou-se a um culto satanista. Morreu decapitada (ou foi só escalpelada?) num acidente automobilístico.

James Dean. Imagem eterna de juventude e rebeldia. A mãe morreu quando era pequeno. Jimmy foi criado pelos tios. A única mulher que amou, Pier Angeli, casou-se com outro cara. Participava de orgias homossexuais nas quais pedia que lhe apagassem cigarros acesos em seu corpo. Era conhecido como o "cinzeiro humano". Morreu num acidente de carro, quando dirigia seu Porsche a uns mil por hora.

Pensar nas desgraças alheias dos belos e desafortunados me faz sentir

quase feliz com minha vida miserável por alguns instantes.

Fui mandado embora do emprego. Não foi ruim. Se eu encontrasse o J por lá não resistiria em empurrá-lo janela abaixo. Seria uma bela queda, principalmente se ele despencasse sobre o raso espelho d'água, onde nadam as carpas japonesas, na entrada do prédio. Mas calma, se vingança é um prato que se come frio, estou deixando o meu na geladeira por uns tempos.

## 09. BLACK

Dois anos atrás. 18h47.

Continuo vestido de preto. Deitado imóvel de barriga pra cima e com os braços cruzados sobre o plexo solar, olho pro teto, enquanto espero a ajuda profissional chegar para salvar a minha sanidade. Sabe, acho que eu fiquei até bem elegante. Usar preto é a minha cara, reflete bem a minha personalidade: *dark* e depressivo. Além disso, posso usar várias vezes antes de lavar. Minha mulher não gostava dessa cor. Ela preferia tons pastéis. Se dependesse dela, eu usaria camisas havaianas pra trabalhar. Ela definitivamente não me conhecia. Sempre fui um cara básico: preto, branco, branco, preto. Ela ria de mim e dizia que o meu mundo devia ter mais cor.

Bem, eu me vesti de preto porque a situação exigia. Quando sua mulher é enterrada, não é legal usar camisa salmão e gravata lilás, não é?

As palavras finais foram ditas: cinzas às cinzas, pó ao pó, bla, bla, bla e o caixão baixou cova adentro. Naquela hora senti vontade de vomitar. Mas não deu. Seria embaraçoso. Além de tudo, eu não podia correr o risco de sujar minha camisa preta favorita, ela havia me custado tufos de dinheiro. Vai que precisasse dela em breve para ir a outros funerais e reuniões de trabalho?

Na saída do enterro, J parecia o mais desconsolado dos homens. Me deu

um abraço forte e disse “Força, dias melhores virão”. Grande sujeito. Um verdadeiro Buda, zen, centrado, se bem que essas palavras não me deram conforto. Era o lugar comum do lugar comum. J não era propriamente um gênio com as palavras. Era o perfeito cara sem sal cuja vida se resumia ao trabalho e coisas comuns que a maioria das pessoas com pouca imaginação faz, como ver novela, assistir ao Big Brother e torcer pelo Flamengo. Um cara sem pretensões intelectuais, cujo máximo de leitura se resumia a memorandos da empresa e a um ou dois livros de ficção histórica de qualidade duvidosa sobre a vida de imperadores romanos pra demonstrar possuir um verniz cultural.

Sempre o considerei quase um amigo e ele chegou a freqüentar a minha casa por uns tempos, mas, no fundo, era só mais um colega de trabalho, igual ao resto do gado, enfadonho e desinteressante. Estranhei o fato de ele usar camisa com estampa floral um tanto afetada para a ocasião. Aquilo era afrescado pra falar a verdade. A mulher dele o largou tempos atrás, trocando-o por um gordo careca, bem mais velho. Será que ele não dava conta do recado? Não conseguia ficar de pau duro? Esses foram os comentários que correram pelo escritório na época. Bem, de qualquer forma agradei os pêsames e me desvencilhei das demais pessoas com óculos escuros que me abraçavam e diziam frases manjadas me desejando conforto nesse momento difícil.

Ao chegar em casa, vomitei. Achei que ia me sentir melhor, mas não. No



final continuei me sentindo um lixo, só que com gosto de vômito na boca. Tomei um anti-ácido, uns tranqüilizantes e apaguei por algumas horas com a roupa do corpo. É impossível viver num mundo sem drogas hoje em dia.

Ao acordar percebi que viver doía como nunca. Jamais achei que eu pudesse sentir tanto falta dela como sinto agora. Ela se foi. Foi pro buraco. Eu a amava, entende? Amor *omnia vincit* foi o que me ensinaram quando era criança no colégio católico, o amor tudo vence. Bonito pra caramba, pena que era mentira, assim como toda a doutrina cristã. Minha mulher morreu, agora é carne dada aos vermes. Nunca mais nos veremos. Todas as coisas que eu queria perguntar e saber sobre ela não terão mais resposta. Não sentirei mais o cheiro daquela pele banhada em sabonete de essência de morango. Não acariciarei mais aqueles seios pequenos. Jamais tocarei de novo aquelas pintas maravilhosas que ela tinha espalhadas em locais estratégicos do corpo. Nunca mais ouvirei aquela risada. Muito triste.

Olhei os classificados do jornal e procurei um serviço de disque-putas pra atendimento em domicílio. *Alta, morena, 25 anos, olhos castanhos, hotel, motel, residência, só para elite*. Bem, nesta merda de república de bananas em que vivemos, eu sou a elite: sou branco, ganho mais de dez salários mínimos e tenho curso superior. Grande bosta. Esta serve. Liguei e combinei o preço, ela deve chegar já, já. Minha mulher era alta, morena e tinha 25 anos.

## 10. WHEN THE CURTAIN FALLS

Um ano e 152 dias atrás. 1h39.

Limpo o resto do sangue que teima em escorrer pelo meu nariz na manga da camisa e dou mais gole na quinta cerveja quente. O gosto é horrível. Ainda há pouco, nas últimas 24 horas, eu era o próprio Jack Bauer do cerrado em missão de vingança, agora preciso de um intervalo para recuperar as forças. O balconista não vai se esquecer de mim, porque pareço que mergulhei a camisa em *catchup*. Se alguém perguntar onde seu estava nesta noite, direi: “Sangrando e me embriagando durante o *show* da banda X, pode confirmar com meu novo melhor amigo, o Sr. Fulano de Tal, o vendedor de cerveja”.

Posso sentir minha auto-estima retornando, algo que nem toda a quantidade de antidepressivos que eu ingeri por semanas e semanas conseguiu fazer por mim recentemente. Começo a sorrir maliciosamente pras meninas com metade da minha idade e, o melhor, sou correspondido! Hahahahahahaha, sim, o álcool já começou a fazer efeito.

Li em algum lugar que ouvir música alta libera endorfinas, gerando uma resposta emocional de prazer e bem estar. Recomendo a todos que na eventualidade de cometerem um assassinato corram para um *show* de *rock*

e se posicionem perto dos alto-falantes. Faz o coração acelerar. Faz a gente se sentir bem. A gente esquece dos problemas. É catártico.

No meio do pogo acabei levando uma tremenda cabeçada involuntária nas fuças e o sangue desceu. Podia encher o moleque de porrada, mas já estava cansado de briga e *rock* é isso aí. Além do mais seria anti-climático trocar uns tapas com uns pirralhos sebentos depois de ter matado alguém. Fui até o banheiro e me olhei no espelho. Eu estava horrível; havia uma torrente de plasma sangüíneo escorrendo pelas minhas narinas, pingando pelo meu queixo e chegando até a minha garganta. Aquilo era o máximo. Nada de dor. Senti-me um verdadeiro *bad boy*, estilo criminoso/presidiário, pra quem as mulheres mandam cartas recheadas com declarações de amor e peças de roupas íntimas. Decidi ali que meu próximo passo seria convencer uma dessas ninfetas de que eu sou um cara realmente sem escrúpulos e que ela faria um grande favor a si mesma em permitir ser penetrada de todas as maneiras possíveis por minha humilde pessoa e meu nariz quebrado. Possivelmente num futuro próximo comprarei uma Harley Davison com a minha grana do FGTS e me juntarei a uma gangue de motoqueiros foras-da-lei da Califórnia, só para sacramentar a minha nova imagem de cara MAU pra CARALHO.

Minha mulher morreu. O amante dela morreu. Já eu, ainda estou por aqui, não diria necessariamente feliz, mas continuo respirando. Pretendo demorar um bom tempo pra virar estrume. Assim que terminar a bebida,

vou voltar para perto da ação. No final, quando música acabar e as luzes se desligarem, vou voltar pra casa, de preferência acompanhado daquela loirinha com a tatuagem escrita *I Love You* bem lá no final da espinha e depois de fodê-la até minhas bolas murcharem, vou pagar o táxi pra ela ir embora e dormir o sono dos justos. Eu mereço.



**mojo**  
BOOKS

[www.mojobooks.com.br](http://www.mojobooks.com.br)